

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Jornal
30. Jan. 2017
Artigo
Exposição Individual

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

Globo
Segundo Caderno
Luisa Duarte
COD.LUL.00001.2017

Artes visuais

O EXERCÍCIO DA LIBERDADE

Mostra reúne no MAR obras da artista fluminense Lucía Laguna, produzidas entre 2004 e 2016

Crítica

ONDE: Museu de Arte do Rio (3031-2741).
QUANDO: Até 5 de fevereiro, de 10h às 17h, de terça a domingo. **OUANTO:** R\$ 20 (R\$ 10 a meia-entrada).
CLASSIFICAÇÃO: Livre.

LUISA DUARTE
segundocaderno@oglobo.com.br

Conheci o trabalho de Lucía Laguna em 2005. Ela era então uma “nova” artista e uma das mais gratas surpresas do meu processo de mapeamento daquela edição do Programa Rumos Artes Visuais — Instituto Itaú Cultural. Passados 12 anos, vê-se nitidamente a construção de uma linguagem que exibe uma integridade ímpar e, ao mesmo tempo, o amadurecimento de um campo poético e metódico engendrado por uma pintura de sotaque próprio.

Com a curadoria de Cadu e Clarissa Diniz, a mostra “Enquanto bebo a água, a água me bebe — Lucía Laguna” apresenta obras produzidas entre 2004 e 2016, em um panorama que dá uma justa medida da força inventiva de seu trabalho. É preciso dizer que Lucía iniciou tardiamente seu envolvimento com a arte. Depois de toda uma vida como professora de portugueses, por volta dos 50 anos direcionou-se à pesquisa artística, tendo no Parque Lage o seu espaço de troca e

aprendizado. Mesmo absorvendo de maneira rigorosa inúmeras referências da história da arte e admitindo a seminal importância do aprendizado para o seu amadurecimento como artista, foi o fato de construir um vocabulário próprio, sem os ranços citacionistas, e decidir falar a partir do lugar que habitava que fez, sem dúvida, a sua obra ganhar a potência que testemunhamos.

Nas pinturas que abrem a exposição, realizadas entre 2004 e 2007, os olhos da artista miram aquilo que está do lado de fora da janela do seu ateliê, no subúrbio do Rio — uma paisagem desordenada na qual se sobrepõem prédios, viadutos, telhas de casas, puxadinhos, o morro da Mangueira ao fundo, postes, cabos. Se a sua obra exala uma contemporaneidade ímpar, isso se deve à conexão genuína da mesma com o presente e o mundo que o cerca. Ou seja, uma pintura que dialoga com que está fora dela, que é alimentada pelo contexto, sem por isso ser narrativa ou literal.

INTERVENÇÃO DO OUTRO

As paisagens de Laguna solicitam atenção. Se o resultado evoca movimento, o processo é lento, como o de todo fazer pictórico. Nesse processo a artista inclui o outro como ponto de partida para a obra. O método consiste em dar aos seus assistentes a tarefa de fazer a primeira intervenção na tela em branco. Essas pessoas começam a pintar as telas a partir de temas e motivos propostos por Lucía, mas sem o seu controle. Essa disponibilidade para a intervenção do outro doa uma forte dose de aposta ao processo. Trata-se de uma espécie de proposição necessária para começar o seu trabalho, trata-se do seu “arrimo”. Laguna precisa do outro — a paisagem, o assistente, a história da arte,



Da janela. Uma das paisagens de Lucía Laguna, em exposição no MAR; a artista demonstra conexão com presente e mundo que o cerca

o mobiliário do ateliê, recortes de jornal, a galeria — para encontrar aquilo que é seu. O título “Enquanto bebo a água, a água me bebe” traduz, justamente, essa importância da reciprocidade.

O visitante atento irá notar a diferença entre as telas dos primeiros anos e as mais recentes. Sai de cena uma visualidade mais seca, que incorpora vazios e linhas retas, para surgir uma fase de telas mais turbulentas, com aparições figurativas, na qual uma espécie de orientalismo pop comparece. Diante desse arco de tempo impressiona a sua capacidade

de renovar as apostas, se distanciar de fórmulas bem sucedidas, sem com isso perder a coerência. Transitando por diferentes motivos e inspirações, um mesmo ethos subsiste, qual seja, o da generosidade com o mundo e o outro, o do rigor que incorpora a história e a transfigura, fazendo dela instrumento e não muleta. Em tempos nos quais a produção contemporânea por vezes se repete, tornando-se previsível, a altivez da pintura de Lucía Laguna nos recorda que a arte é o exercício experimental da liberdade. ●